

# Bruno Tolentino – Ímpar

“E eu, que odeio tudo o que recordo  
em meu penoso, sórdido exercício,  
a harmonia mais frágil que difícil,  
mais passível de encanto que de acordo;

eu, que hoje escuto o rouxinol e o tordo  
entre grades e névoas, desde o início  
sabia que a beleza é um precipício  
e que o mesmo Verão consome a cor

do efêmero que acende... Eu, que aceitando  
a imperfeição de tudo iria dar  
com a perfeição moral de vez em quando,

agora, aqui, na luz crepuscular  
deste lugar vazio, tenho um bando  
de visões, só não posso ter um par.”

**Bruno Tolentino, A balada do cárcere**